

## Aproximações entre o livro e o jornal: a tradição do rodapé literário na imprensa paulistana na década de 1940

*Approaches between the book and the newspaper: the tradition of the literary footer in the Sao Paulo press in the 1940s*

*Aproximaciones entre el libro y el periódico: la tradición del rodapié literario en la Prensa Paulistana en la Década de 1940*

Mônica Rodrigues Nunes<sup>1</sup>

### Resumo

O rodapé de crítica literária, adotado pelos grandes jornais brasileiros por influência francesa, teve seu auge no decênio de 1940, quando quase todos os jornais paulistanos mantinham uma rubrica no pé da página. Com objetivo de entender como se configuravam estes espaços, o corpus de análise selecionado para este estudo circunscreveu-se aos rodapés publicados por três jornais paulistanos de grande circulação e prestígio: Folha da Manhã, Correio Paulistano e O Estado de S. Paulo. Amparado em pesquisa bibliográfica e qualitativa, este texto aponta que os rodapés de crítica literária, feitos, em quase sua totalidade, por homens de letras, se apresentavam como espaços que marcavam o desenvolvimento das obras, os rumos do mercado editorial, as tendências literárias e artísticas, relatos de experiência e, em menor grau, de debate político.

**Palavras-Chave:** Rodapé literário; jornais paulistanos; livros; mercado editorial.

### Abstract

The literary criticism, adopted by the great Brazilian newspapers by French influence, had its peak in the decade of 1940, when almost all the newspapers of São Paulo maintained a rubric at the foot of the page. In order to understand how these spaces were configured, the corpus of analysis selected for this study was circumscribed to the footnotes published by three São Paulo newspapers of great circulation and prestige: Folha da Manhã, Correio Paulistano and O Estado de S. Paulo. Based on bibliographical and qualitative research, this text points out that literary criticism, written almost entirely by men of letters, presented itself as a space that marked the development of works, the direction of the publishing market, the literary and artistic tendencies, reports of experience and, to a lesser degree, political debate.

**Keywords:** São Paulo Newspapers; Footer for literary criticism, book; editorial market.

### Resumen

La crítica literaria, adoptado por los principales periódicos brasileños por influencia de la prensa francesa, alcanzó su punto máximo en la década de 1940, cuando casi todos los periódicos de la ciudad de São Paulo publicaram uno em sus ediciones, publicados en el rodapié de la página. Con el fin de entender cómo se configuraban estos espacios, el corpus de análisis seleccionado para este estudio se limitó a los rodapiés literarios publicados por tres periódicos de amplia circulación y prestigio: Folha da Manhã, Correio Paulistano y O Estado de S. Paulo. Apoyado en investigación cualitativa y bibliográfica, este texto señala que los rodapiés de crítica literaria,

---

<sup>1</sup>Jornalista formada pelo Centro Universitário do Triângulo (2000), mestre (2003) e doutora em Comunicação Social pela Universidade Metodista de São Paulo (2007). Realizou estágio de doutorado na Universidad Complutense de Madrid (2005). Professora da ECA/USP. E-mail: monicarodriguesnunes@gmail.com

hecho, casi en su totalidad por hombres de letras, se presentaban como un marcador del desarrollo de las obras, el rumbo de la edición de libros, las tendencias literarias, relatos de experiencias artísticas y, en menor medida, del debate político.

**Palabras clave:** rodapié de crítica literária; periódicos de São Paulo; libros; edición de libros.

## 1 INTRODUÇÃO

Por trás da observação imediata, a leitura dos jornais paulistanos editados durante quase todo o século XIX deixa evidente a ausência de uma técnica e uma linguagem próprias do jornalismo. É possível observar uma grande proximidade entre a literatura, o livro e o jornal. Isto porque, além da ausência de uma linguagem própria, em muitos jornais, era comum a publicação de trabalhos de criação literária como poemas, crônicas, contos e ensaios. Nesta época, os jornais tinham nomes respeitadas da literatura em seu corpo de redatores e colaboradores.

Para os escritores, trabalhar na imprensa diária era uma forma de ganhar notoriedade, através da divulgação de seus trabalhos e, também, um meio de sustento. Em um país com altas taxas de analfabetismo e as dificuldades de se editar livros – a maior parte era impressa na França e em Portugal – era inviável viver da própria produção literária. Muitos escritores viviam das colaborações pagas pelos jornais. Não raro, eles aproveitaram o espaço do jornal para publicar partes de suas obras e, só depois, em forma de livro.

José Tinhorão Ramos, citando Barbosa Lima Sobrinho, aponta que:

considerando o papel desempenhado pela imprensa periódica na difusão dos primeiros ensaios de autores brasileiros nas áreas de novos gêneros literários do conto, da novela e do romance, a partir do início da década de 1930, a ‘história literária do Brasil ganharia pelo menos 10 anos, se se escrevesse tomando para referência os jornais e não os livros’ (TINHORÃO, 1994, p.37, *apud* SOBRINHO, 1960, p.15)

No Brasil, a virada do século XX marca modificações importantes nas esferas do jornal e do livro. Do primeiro, percebe-se mais claramente a transição de uma imprensa artesanal para uma de caráter industrial. A partir daí, verificou-se a passagem da pequena à grande imprensa.

A modernização da imprensa trouxe alterações significativas no conteúdo dos jornais, que buscam desvincular-se de partidos políticos, definindo-se como publicações autônomas e apartidárias. Os diários iam se tornando cada vez menos doutrinários. O artigo, o ensaio e as

colaborações literárias perderam espaço para o noticiário e para a reportagem, mas a linguagem utilizada ainda não era a jornalística, tal como a conhecemos na atualidade<sup>2</sup>.

Os literatos – maior parte dos redatores de jornais – tiveram que se adaptar a esta nova forma de fazer jornal e a um novo tipo de escrita que a imprensa diária começava a exigir. Para a análise e notícias sobre o universo da literatura e dos livros, os jornais criaram suplementos literários e páginas sem títulos dedicadas às artes e à literatura e, também, seções fixas como os rodapés de crítica literária.

Na imprensa paulistana, estas páginas e suplementos eram publicados semanalmente, com edições aos sábados ou domingos. Deste modo, “como publicações semanais, eles ficam dispensados da obrigação de noticiar apenas os acontecimentos atuais e podem dedicar boa parte de seu conteúdo a textos que demandam maior continuidade e uniformidade” (NUNES, 2007, p.137).

Já no campo literário, o início do século XX marca as primeiras ações para o fortalecimento e o crescimento do mercado editorial no Brasil. Isto porque, “com as dificuldades de importação, decorrentes do aprofundamento dos conflitos da Primeira Guerra Mundial, as indústrias locais se fortaleceram, levando São Paulo, entre 1914 e 1920, ao extraordinário crescimento de 25% ao ano” (PAIXÃO, 1995, p.46).

Foi também neste período, segundo Sérgio Miceli, que a crescente relevância do mercado sul-americano motivou a instalação de filiais de editoras francesas no Brasil e na Argentina. E “em meio às novas condições resultantes da crise de 1929 e, mais adiante, em virtude da impossibilidade de se importar livros portugueses e franceses com o início da Segunda Guerra Mundial, afrouxam-se os laços de sujeição cultural” (MICELI, 2001, p. 147) propiciando, na década de 1930, a expansão do mercado de livros no país, com o estabelecimento de inúmeras editoras, concentradas, sobretudo, nas regiões Centro-Sul.

Ainda de acordo com Miceli (2001, p. 155), as mudanças no sistema de ensino – entre elas a abertura das primeiras faculdades e os investimentos no ensino técnico – aumentaram a parcela de leitores das novas camadas médias, moldando o ritmo e as feições que assumiu o surto editorial.

Acompanhando as transformações do panorama editorial, nas décadas de 1930 e 1940, a maioria dos jornais paulistanos<sup>3</sup> de grande circulação e prestígio aumentou o espaço

---

<sup>2</sup> A transição efetiva de uma imprensa de jornalismo de opinião (de influência francesa) para uma imprensa que privilegia a informação, se deu, de fato, no Brasil, na década de 1950, quando alguns periódicos adotaram o modelo norte-americano de jornalismo, com a utilização de técnicas redacionais, como o lead e a pirâmide invertida para a construção das notícias do gênero informativo.

dedicado a noticiar e analisar a produção literária no país; seja na cobertura diária, com a publicação de textos de caráter informativo (notas, notícias, reportagens e entrevistas), seja na criação de seções fixas, que noticiavam os lançamentos editoriais, no lançamento de suplementos literários e de rodapés de crítica literária, quase sempre, de periodicidade semanal.

Nesta nova fase da imprensa, juntamente com folhetins e páginas e suplementos literários, os rodapés de crítica literária, faziam a ponte entre o livro, a literatura e o jornal. Ao publicar críticas ou resenhas de livros, os jornais atuavam como pré-codificadores ou pré-orientadores dos livros neles informados ou analisados.

Amparado em pesquisa bibliográfica, exploratória (dos meses de março-abril-maio, das edições publicadas entre 1940 e 1950) e qualitativa, este estudo teve por objetivo central entender como se configuravam os rodapés literários publicados na imprensa paulistana ao longo da década de 1940. O corpus de análise selecionado foram os rodapés editados por três jornais paulistanos de grande circulação e prestígio: Folha da Manhã, Correio Paulistano e O Estado de S. Paulo.

Para a realização deste estudo, algumas questões foram levantadas: quem são os críticos e por que escrevem nestes espaços? A abordagem dos textos publicados está centrada apenas ao universo dos livros? Haveria um gênero/assunto literário predominante? Qual a temporalidade das obras analisadas?

O levantamento dos dados permitiu coligir informações, citar ocorrências e comentar, de maneira a agrupar características dos rodapés literários editados por estes três jornais, no período analisado.

## **2 A CRÍTICA NO JORNAL E O MOVIMENTO CULTURAL NA IMPRENSA PAULISTANA NA PRIMEIRA METADE DO SÉCULO XX**

Por influência da imprensa francesa, a crítica literária e os romances folhetins ganharam espaço nos jornais brasileiros no começo no século XIX. Segundo Léa Masina (1996), neste século, a crítica serviu-se dos periódicos para sua circulação e desenvolvimento. Neste período, vigorou uma “crítica literária militante que noticiava e discutia não só livros, mas questões políticas e sociais” (MASINA, 1996, p. 227-8).

Durante a primeira metade do século XX, o rodapé – graficamente localizado na margem inferior da página separada por um fio – foi amplamente utilizado para marcar a

---

<sup>3</sup> Entre eles, *Correio Paulistano*, *O Estado de S. Paulo*, *A Gazeta*, *Folha da Manhã* e *Diário de S. Paulo*.

opinião e a análise, não apenas sobre livros e literatura, pois muitos jornais contavam com um grupo de colaboradores que assinavam semanalmente rodapés sobre política, direito, agronomia, medicina, economia, arquitetura, música e artes plásticas. E foi neste período, também, que quase todos os jornais em circulação na capital paulista lançaram um rodapé de crítica literária. Época em que, segundo Antonio Candido, o rodapé “chegou a ter no Brasil grande importância na orientação do gosto e no movimento da vida literária” (CANDIDO, 1979, p. 21).

A lista de nomes que atuaram como críticos literários nos principais jornais paulistano, entre 1920 e 1950, era grande: Nelson Werneck Sodré e Nuno Sant’anna, no *Correio Paulistano* (o primeiro colaborou entre 1938 e 1955, e o segundo, em alguns períodos da década de 1940); Sud Mennucci (década de 1920), Plínio Barreto, N. Duarte Silva, J. O. Orlandi, Mario Donato, Edmundo Rossi e Sergio Milliet (todos colaboraram na década de 1940) e Wilson Martins (de 1950 a 1970), em *O Estado de S. Paulo*; Sousa Filho (década de 1940), Álvaro Moreyra e Menotti Del Picchia (década de 1940) e Brito Broca (décadas de 1940 e 1950), em *A Gazeta*; Ruy Bloem (década de 1940), na *Folha da Noite*; Rubens do Amaral (décadas de 1930 e 1940), Alcântara Silveira (década de 1940), Antonio Candido (1940) e Álvaro Lins (década de 1940), na *Folha da Manhã*, e, por fim, Agrippino Grieco (décadas de 1920 e 1940), Tristão de Athayde (décadas de 1930 e 1940), Antonio Candido (década de 1940), José Aderaldo Castello (década de 1940) e Otto Maria Carpeaux (década de 1950), no *Diário de S. Paulo*.

Até fins de 1930, o perfil predominante dos críticos literários era de intelectuais bacharéis ou autodidatas. Na década de 1940, surge um novo perfil de crítico formado por ex-alunos das primeiras turmas das instituições universitárias fundadas na capital paulista (como, por exemplo, a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras FFCL/USP, fundada em 1934). A chegada desses novos profissionais acabou, segundo Maria Arminda Arruda, por alterar o estilo da reflexão construindo “um papel decisivo na construção de linguagens culturais “[...] de onde emergiram intelectuais talhados de concepções hauridas do conhecimento científico e que produziu uma nova geração de críticos mergulhados nas mais avançadas teorias” (ARRUDA, 2001, p. 21-22).

O primeiro sinal desta mudança foi o lançamento da revista *Clima*<sup>4</sup> (1941-1943), criada por alunos e ex-alunos da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de São Paulo, interessados em produzir uma crítica com julgamentos baseados em critérios acadêmicos. Neste grupo, estavam, entre outros, Lourival Gomes Machado, Antonio Candido, Antonio Branco Lefèvre, Paulo Emílio Salles Gomes, Lourival Gomes Machado, Décio de Almeida Prado e Roberto Pinto de Souza.

A entrada deste novo grupo de críticos marcou um momento de grande tensão e disputa sobre o exercício da crítica na imprensa diária paulistana.

De um lado os antigos ‘homens de letras’, que se creem a ‘consciência de todos’, defensores do impressionismo, do autodidatismo, da *review* como exibição de estilo, ‘aventura da personalidade’. De outro, uma geração de críticos formados pelas faculdades de filosofia [...] e interessados na especialização, na crítica ao personalismo, na pesquisa acadêmica (SÜSSEKIND, 2003, p.17).

Com o fim das edições da revista *Clima*, parte do grupo passou a colaborar na imprensa diária. Entre eles, como apontado anteriormente, Antonio Candido, que assinou, na década de 1940, rodapés de crítica literária em dois jornais paulistanos, *Folha da Manhã* e *Diário de S. Paulo*, e idealizou e dirigiu o Suplemento Literário de *O Estado de S. Paulo* (1956-1974).

A década de 1940 marca, também, um período crítico na história da imprensa brasileira em razão do golpe de Estado no governo de Getúlio Vargas<sup>5</sup> que destituiu o congresso e assumiu poderes ditatoriais, entre 1939 a 1945. Já no primeiro ano de ditadura, foi instituído o Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP) que tinha, entre outras atribuições, regular o que era publicado nos órgãos de imprensa, impondo forte censura. Chegando, inclusive, a tomar, de seus proprietários, alguns jornais diários em circulação em São Paulo, como *O Estado de S. Paulo*, que foi dirigido pelo interventor Abner Mourão, entre 25 de março de 1940 e 6 de dezembro de 1945.

Com o fim da Segunda Guerra Mundial e a queda de Getúlio Vargas e fim do Estado Novo, em setembro e outubro de 1945, respectivamente, inaugura-se um novo ciclo na

---

<sup>4</sup> Sobre a revista *Clima* e a trajetória de seus idealizadores e principais colaboradores ver: PONTES, Heloisa. **Destinos Mistos**: os críticos do grupo *Clima* em São Paulo (1940-1968). São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

<sup>5</sup> A Era Vargas, como ficaram conhecidos os 15 anos de Getúlio Vargas na presidência do Brasil, compreende os anos de 1930 a 1945. Este governo ficou marcado pela dura censura não apenas aos órgãos de imprensa, mas, também, aos que se manifestavam contrários ao regime de Vargas, incluso, intelectuais e artistas. Ver: ANDREUCCI & OLIVEIRA, 2001.

imprensa paulistana. Além disso, alterações importantes no circuito artístico e literário na capital paulista começaram a esboçar-se. Os cinco anos que se seguiram marcam a criação de teatros, como o Teatro Brasileiro de Comédia (TBC), de museus como o Masp e o MAM, a da Companhia Cinematográfica Vera Cruz.

Nesse mesmo período, o mercado de livros em São Paulo cresceu vertiginosamente. Apenas para efeito de comparação, o número de títulos editados no ano de 1946 era duas vezes maior que no ano de 1940, passando de 320 para 743 títulos. O salto é ainda maior quando se compara o número de exemplares impressos, que foi de cerca de 300%, com 2.116,700, no ano de 1940 e, 6.738,497, em 1946. Quatro anos depois, o número de títulos editados passou a 1.507, com a impressão de 15.504,036 exemplares (HALLEWELL, 1982, p. 846).

Toda esta movimentação cultural e literária refletiu na cobertura dos diários paulistanos. Muitos veículos criaram editorias de cultura e de literatura, publicando páginas exclusivas para estes temas. Antes dessa mudança, as seções sobre artes e literatura não tinham espaço fixo; eram publicadas em meio a notícias esportivas, políticas, econômicas, entre outras.

A segunda metade dos anos de 1940 também marca o auge rodapés de crítica literária na imprensa paulistana. Seis dos oito periódicos<sup>6</sup> de grande circulação e prestígio, editados no período, mantinham em suas edições um rodapé semanal: *Correio Paulistano*, *O Estado de S. Paulo*, *A Gazeta*, *Folha da Noite*, *Folha da Manhã*, *Diário de S. Paulo*. Destes, três jornais se destacaram: *Correio Paulistano*, *O Estado de S. Paulo* e *Folha da Manhã*. Seja pelo número de críticos que colaboraram, seja pela periodicidade e pela continuidade dos rodapés literários.

Novas mudanças no âmbito das empresas jornalísticas alteraram o modo de se fazer jornal, na década de 1950. Espelhando-se nos jornais cariocas, os periódicos paulistanos adotaram o modelo norte-americano de jornalismo, que entre outras mudanças, permitiram a profissionalização da atividade jornalística e a introdução de técnicas redacionais, como o *lead* e a pirâmide invertida para a construção das notícias.

Nesta nova fase da imprensa, quase todos os jornais paulistanos haviam excluído os rodapés literários de suas edições. Nelson Werneck Sodré, ao escrever sobre “A crise da

---

<sup>6</sup>*Correio Paulistano*, *O Estado de S. Paulo*, *Diário Popular*, *A Gazeta*, *Folha da Noite*, *Folha da Manhã*, *Folha da Tarde* e *Diário de S. Paulo*.

literatura”, no rodapé “Vida Literária” do *Correio Paulistano* –, reclamava da ausência da crítica literária nos jornais.

Os escritores que vão aparecendo, nos dias que correm, quebrando, por vezes, a monotonia do ambiente literário brasileiro, queixam-se com justa razão, de que não existe crítica que possa considerar as suas contribuições, discuti-las, criar em torno delas o indispensável clima de debate que torna interessante e fecunda a tarefa literária (SODRÉ, 1951, p.8).

Na década de 1960, entre os principais jornais em circulação na imprensa paulistana, apenas o “Suplemento Literário” de *O Estado de S. Paulo* publicava um rodapé de crítica literária, assinado por Wilson Martins.

Vinte anos após a última edição deste suplemento literário, Wilson Martins lamentou a redução da crítica a resenhas, em periódicos, e a ensaios, realizados na esfera das universidades. Para ele, as modificações ocorridas no âmbito da crítica literária deviam-se “ao aparecimento de um novo jornalismo, influenciado pelo estilo americano” (CASTELLO, 1996, p. 12, *apud* MASINA, 1996, p. 227).

Nesta nova fase do jornalismo brasileiro, o rigor metodológico da crítica foi substituído pelo resumo breve da obra. Ao mesmo tempo em que os rodapés iam desaparecendo, novas seções dedicadas a noticiar os lançamentos editoriais começaram a ser publicadas nos jornais, com títulos semelhantes aos dos rodapés; como “Livros Novos”, “Últimos lançamentos” ou “Últimos Livros”.

Esta mudança, segundo Flora Süssekind, ocorreu em razão das demandas de um mercado editorial crescente e com muitas editoras interessadas em promoção, não em crítica. E, também, por “uma indústria cultural onde só parece haver lugar para a palavra afirmativa, a ‘campanha’ (promocional ou demolidora), o *slogan*, e que precisa, portanto, desqualificar todo tipo de texto argumentativo” (SÜSSEKIND, 2003, p.16).

Para Antonio Candido (1979, p.21), a redução do espaço da crítica literária em jornais talvez tenha “privado o leitor comum de um tipo bem elaborado de discussão crítica, que não foi compensada pelo grande desenvolvimento da notícia rápida e da mera informação publicitária”.

### **3 O AUGO DA CRÍTICA DE RODAPÉ: TRÊS JORNAIS E ALGUNS CRÍTICOS (ANOS 1940)**

Ao iniciar o ano de 1940, no rodapé “Livros Novos”, Nelson Werneck Sodré escreveu: “a produção literária do momento é intensa e abundante”, mas apontava a falta de critério para

a publicação de livros no Brasil: “não são muitos os livros de valor real, que trouxeram uma ideia nova, uma interpretação mais exata, observações apuradas ou narrações bem conduzidas” (SODRÉ, 1940). Acompanhando a intensa movimentação do mercado editorial, nesta época, quase todos os jornais em circulação na capital paulista, os jornais Correio Paulistano, Folha da Manhã e O Estado de S. Paulo publicavam um rodapé semanal de crítica literária.

Apesar de *O Estado de S. Paulo* não reconhecer o conteúdo das edições publicadas durante o período de intervenção no governo de Vargas (1940-45), optou-se por incluí-lo nesta análise; como uma tentativa de verificar se haveria alguma diferença em relação aos rodapés publicados nos outros dois jornais analisados.

Ao analisar as edições *O Estado de S. Paulo* nota-se que, ao longo da década de 1940, ele foi a publicação com maior número de críticos que assinaram rodapés literários. Em 1940, Plínio Barreto deu continuidade ao rodapé “Livros Novos”; a última edição foi em 16 de março deste mesmo ano. Três meses depois, com o jornal sob direção de um interventor, um novo rodapé semanal foi lançado, intitulado “Livros e Ideias”<sup>7</sup>. As colaborações desta seção eram assinadas por um grupo de críticos, em sistema de rodízio: N. Duarte Silva, J.B. Orlandi, Mario Donato, Sergio Milliet e Edmundo Rossi.

Em 1942, “Livros e Ideias” teve seu nome alterado para “Últimos Livros”. Entre meados de 1943 e meados de 1945, apenas Sergio Milliet assinou esta seção, quando foi substituído por Edmundo Donato, que colaborou, neste jornal, até 17 de novembro de 1945. Duas semanas depois, o jornal foi devolvido aos seus proprietários.

Apenas em 6 de março de 1947, sob direção da família Mesquita, é que *O Estado de São Paulo* voltou a publicar um rodapé de crítica literária, mas sem grandes novidades. Isto porque, nesta nova fase, o jornal manteve o título “Últimos Livros” e convidou Sergio Milliet para ser o responsável desta seção. Em 1948, o rodapé de Milliet perdeu regularidade e destaque no jornal, com algumas publicações ao longo do ano.

Na *Folha da Manhã*, ao longo da década de 1940, vários nomes integraram o time de críticos que assinaram um rodapé literário. Em 1940, Rubens do Amaral assinava uma seção de crítica literária publicada no alto da página impressa (obedecendo a mesma diagramação dos outros conteúdos) e não no pé da página, como era de costume. No ano seguinte, “Livros e Ideias” passou a ser editada no quarto inferior da página; a última edição aconteceu em 20 de dezembro de 1941.

---

<sup>7</sup>“Livros e Ideias” é o título original. Para melhor compreensão, optou-se em atualizar a grafia das palavras.

Após um intervalo de 12 meses, em um momento de renovação editorial, a *Folha da Manhã* voltou a publicar um rodapé literário com a assinatura de Antonio Candido, intitulado “Notas de crítica literária”, editado entre 07 de janeiro de 1943 a 21 de janeiro de 1945. Candido interrompeu as publicações de seu rodapé devido a mudança de direção do jornal – encabeçado por José Nabantino Ramos –, quando aproximadamente 50 jornalistas pediram demissão.

Com a entrada de um novo grupo diretor em março de 1945, foram realizadas mudanças significativas no conteúdo da *Folha da Manhã*, sobretudo no que diz respeito ao assunto literário e cultural; com o lançamento de novas seções fixas, entre elas, o rodapé “Crítica Literária”, assinado por Alcântara Silveira, com início em 27 de maio, e de um suplemento literário, em 08 de julho. Entre 22 de julho de 1945 e 20 de janeiro de 1946 (última edição), o rodapé de Silveira foi publicado no “Suplemento Literário”. No mesmo período, a *Folha da Manhã* lançou um novo rodapé semanal de crítica literária, intitulado “Jornal de Crítica”, assinado por Álvaro Lins, cuja estreia deu-se em 18 de janeiro de 1946. No ano seguinte, este rodapé passou a ser seção fixa do “Suplemento Literário”, permanecendo até meados de 1948. Nos dois anos que se seguiram, a *Folha* não voltou a publicar um rodapé exclusivo para o tema literário.

Enquanto os rodapés literários dos jornais *Folha da Manhã* e *O Estado de São Paulo* eram publicados uma vez por semana, o *Correio Paulistano* apresentava as análises sobre o movimento e a produção editoriais, mais a miúdo. Isto porque textos inéditos, escritos por Nelson Werneck Sodré para o rodapé “Livros Novos”, eram publicados de três a quatro vezes por semana, nas edições de terças-feiras, de quintas-feiras, de sábados e/ou domingos. A estreia deste rodapé foi 17 de outubro de 1936.

Em 1942, Sodré foi substituído Nuto Sant’ana. Cinco anos depois, ele voltou a colaborar no *Correio Paulistano*, em um novo rodapé de crítica literária, intitulado “Vida Literária”, com várias edições semanais (às quartas-feiras, às sextas-feiras e aos domingos); esta seção teve continuidade em parte da década de 1950.

O perfil dos críticos que colaboraram, nos periódicos analisados, era bastante homogêneo. Com exceção de Antonio Candido (crítico formado Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de São Paulo), os demais responsáveis pelos rodapés publicados nos jornais *Folha da Manhã*, *Correio Paulistano* e *O Estado de S. Paulo* faziam parte de um grupo de homens cultos, sem formação acadêmica, interessados em literatura. Muitos deles, mantinham

dupla jornada, além dos trabalhos realizados para a imprensa periódica, exerciam atividades como editores e/ou autores.

Neste período, a crítica de jornal tinha função de informar e de orientar os leitores sobre a movimentação literária do momento. Ao estreitar o rodapé “Livros e Ideias” em *O Estado de S. Paulo*, Mario Donato escreveu que ele e um grupo de *leitores* bem-intencionados (N. Duarte Silva, J.B. Orlandi, Sergio Milliet e Edmundo Rossi), em sistema de rodízio, tinham o desejo de informar ao público o que acontecia pelo mundo das letras nacionais.

Neste caso, mais que em outros, não é um dever sabatino de que me desobrigo, mas uma satisfação a que não me imponho senão os limites que ela própria se traça” (...) de leitor para leitor (...), mais comentando do que julgando, num solilóquio que admite a presença muda de mais alguém – passamos a alinhar estas linhas (...). (DONATO, 1940).

Em 1947, quando Sergio Milliet voltou a ser responsável por um rodapé em *O Estado de S. Paulo*, o crítico não publicou um texto de apresentação.

Já na *Folha da Manhã*, ao estreitar como crítico literário na imprensa diária, Antonio Candido (1943a), no artigo inicial de “Notas de críticas literária” afirmava que considerava importante que o crítico definisse o que considerava crítica; uma vez que é “um indivíduo que vai emitir opiniões tendentes, em suma, a explicar uma obra ou seu autor”. Na ocasião, Candido, além de apresentar algumas sugestões e pontos de vista, uma espécie de contrato com o leitor de sua coluna, ressaltou sua preferência pelo crítico partidário, aquele “que tem um credo – político, religioso, filosófico e literário – no eterno disponível, que o é sob o pretexto de não cair no sectarismo e permanecer aberto a todas as sugestões das obras” (CANDIDO, 1943a).

Na primeira edição do rodapé “Crítica Literária” na *Folha da Manhã*, Alcântara Silveira disse que havia duas motivações para aceitar o cargo: a escassez de críticos, e a crescente necessidade de orientação para o leitor classe média, perdido entre a opinião dos amigos e a propaganda dos editores. E acrescentou:

A minha crítica será – portanto – dirigida ao passageiro de bonde, visando despertar nele o gosto pela boa leitura ou o desejo de retomar contato com a poesia, da qual anda tão afastado(...). Quero informar que não me limitarei ao exame dos livros de autores nacionais e dos editados no Brasil. Comentarei também alguns escritores, desde que seus livros estejam traduzidos para o nosso idioma (SILVEIRA, 1945).

Ao substituir Alcântara Silveira, em 25 de maio de 1947, Álvaro Lins, que já colaborava na *Folha da Manhã*, explicou, na estreia do rodapé “Jornal de Crítica”, que daria continuidade ao seu trabalho de interpretação e julgamento das obras impressas. Sob o título “Notas de um diário de crítica”, entre vários apontamentos, escreveu:

CCXXII – A crítica representa para a literatura o mesmo fenômeno de interpretação, de conhecimento, de consciência que a literatura representa para a vida. A crítica é uma consciência de fenômeno literário do mesmo modo que a literatura é uma consciência do fenômeno vital. Ao contrário da natureza física ou humana, a literatura toma as formas mais propícias para a sua expressão; ao contato da obra literária, do seu criador, ou das ideias puras, a crítica toma também as formas mais próprias para a sua interpretação e julgamento. O poder criador, em qualquer dos dois casos, está na faculdade de surpreender, descobrir, revelar, exprimir, dar forma ao que constitui o núcleo essencial do fenômeno vital ou do fenômeno literário. (LINS, 1947)

Outro crítico responsável pelo rodapé “Livros Novos” Nelson Werneck Sodrê, do *Correio Paulistano*, não publicou texto de apresentação na primeira edição desta seção, em 25 de outubro de 1936. No dia anterior à estreia, o jornal trouxe a seguinte nota: “Amanhã inicia a seção de crítica literária de Nelson Werneck Sodrê em que se leem as mais judiciosas críticas sobre os livros que acabam de aparecer” (CORREIO PAULISTANO, 1936).

Cabe dizer, que em diferentes momentos, Sodrê manifestou que a crítica deveria ser uma análise conscienciosa e de estudo comparativo. Além disso, ele afirmava que a crítica literária teria que ser exercida de preferência sobre os livros de autores brasileiros. Livros estrangeiros, apenas os traduzidos para o português.

Ao substituir Sodrê no rodapé “Livros Novos”, no *Correio Paulistano*, Nuto Sant’ana não publicou um texto de apresentação.

#### 4 POR DENTRO DOS RODAPÉS

Especialmente, na mancha impressa dos jornais *Folha da Manhã*, *Correio Paulistano* e *O Estado de S. Paulo*, a crítica literária, enquanto rubrica, era editada, quase sempre, no mesmo espaço, no pé da página. Os rodapés eram separados por um fio, com títulos grandes e sempre assinados. Quando o rodapé se referia a análises de obras, havia a indicação bibliográfica, no início ou fim da seção, contendo nome do autor, título, editora e ano de edição.

Nos três jornais analisados, em raras exceções a ilustração foi utilizada no espaço do rodapé literário. Imagens das capas dos livros também não eram utilizadas nesta seção; muito comuns nas seções de divulgação dos lançamentos de livros.

O levantamento dos títulos comentados/analísados nos rodapés publicados durante a década de 1940 nos jornais *Folha da Manhã*, *Correio Paulistano* e *O Estado de S. Paulo* aponta uma forte preferência para as obras editadas em português; com raras exceções o livro estrangeiro, publicado em outro idioma, foi objeto de análise nos rodapés. Tratava-se de uma crítica voltada quase que exclusivamente aos títulos de autores nacionais e das obras editadas no Brasil (cerca de 90%). O restante referia-se às obras traduzidas para o português. Havia, sem dúvida, neste período, a busca pela valorização das obras nacionais.

Os críticos também se preocupavam com o movimento contrário, ou seja, com a tradução de obras de autores nacionais para outros idiomas. Antonio Candido (1943b), em artigo publicado em seu rodapé na *Folha da Manhã*, sob o título “Não vale a intenção”, reclamava da falta de critério para a seleção de títulos a serem traduzidos para o inglês. Na opinião dele, os livros escolhidos eram de nível secundário ou terciário.

Para Candido, era necessário traduzir para o inglês as obras que realmente significassem alguma coisa da nossa cultura. “Os americanos estão querendo conhecer a nossa literatura; estão querendo ler o que há nela de mais interessante. É justo e prudente que se satisfaça esta curiosidade dando de início as obras realmente boas que possuímos”. E completou citando alguns autores que considerava de nível primário: Ciro dos Anjos, Jorge Amado, Lins do Rego, Rachel de Queiroz e Graciliano Ramos.

Outra característica comum aos rodapés publicados pelos jornais analisados, era a grande predominância de avaliações de livros recém-lançados, ou editados no ano corrente. Tal característica era reforçada nos títulos de alguns rodapés, como “Últimos Livros” e “Livros Novos”.

O espaço dedicado aos rodapés, na mancha dos jornais, permitia a publicação de textos longos, com aproximadamente 12 mil caracteres. Presumindo, assim, grande disposição dos leitores. Não por acaso, a maioria deles era publicada aos sábados ou domingos, quando os leitores podiam dedicar mais tempo à leitura.

O amplo espaço permitia que o crítico abordasse um ou mais livros. E embora não se apresentasse em todas as edições, quando se tratava de vários títulos, havia o hábito de selecionar por assunto ou obras de um mesmo autor.

O grande volume de livros lançados no período refletia no modo de trabalho dos críticos. Para Nelson Werneck Sodré – que mantinha um rodapé com várias edições ao longo da semana, e reunia, em única vez, vários volumes – tal feito se devia à impossibilidade de atender a todos que escreviam um livro no país, e que tinham o direito de esperar da crítica uma palavra “capaz, senão de estabelecer um critério de julgamento, ao menos despertar a atenção dos que os apreciam” (SODRÉ, 1940b).

Sergio Milliet, crítico de *O Estado de São Paulo*, publicava vários títulos na última parte do rodapé, com as rubricas “Livros que se recomendam” e “Livros Recebidos”; possivelmente, em razão da falta de disponibilidade e de espaço para dar uma referência em profundidade a todos os volumes que recebia.

Os críticos literários tinham autonomia para escolher as obras analisadas/comentadas em seus rodapés. Entre 1940 e 1945, durante o período intervenção de *O Estado de S. Paulo*, a seleção dos títulos pode ter sido realizada de forma coletiva (pelo grupo de críticos) ou por outros profissionais do jornal e, também pelo crítico a assinar o rodapé “Livros e Ideias”. Mario Donato (1940), em sua primeira colaboração para esta seção, afirmava que havia selecionado um romance de Menotti del Picchia, “por uma preferência muito particular”. Já Edmundo Rossi, também em sua primeira colaboração, para o mesmo rodapé, deixou evidente que a seleção de uma das obras analisadas havia sido feita por outros profissionais: “(...) é digno de elogiosa referência mais um esforço de nossos editores em favor da divulgação de obras de caráter filosófico” (ROSSI, 1940).

Em todos os rodapés de crítica literária, publicados nos jornais analisados, foi possível notar que o quarto inferior da página não era voltado exclusivamente para a análises de livros. O rodapé também se apresentava como um espaço que marcava o desenvolvimento das obras, os rumos do mercado editorial, as tendências literárias e artísticas, relatos de experiência e, em menor grau, de debate de assuntos políticos. Este comportamento se dava de diferentes maneiras: com a publicação de análises de artigos de revistas, comentários sobre exposições de artes, homenagens, perfis de escritores e ensaios sobre o desenvolvimento de gêneros literários.

Em alguns rodapés os críticos também publicavam pequenas notas ou impressões sobre livros e sobre a movimentação literária. Álvaro Lins era quem fazia com maior regularidade, sob o título “Notas de um diário de crítica”, no rodapé “Jornal de Crítica” na *Folha da Manhã*. Antonio Candido, na *Folha da Manhã*, e Sergio Milliet, n’ *O Estado de S. Paulo*, também publicaram, em algumas ocasiões.

Álvaro Lins também assinou, no rodapé “Jornal de Crítica”, seis artigos sob o título “A propósito do projeto da constituição”, entre 07 de junho e 12 e julho de 1946, em que apresentava sua posição política. Lins (1946) também publicou, neste rodapé, texto em que defendia a criação de um partido socialista no Brasil.

Diante do exposto, percebe-se que os rodapés literários publicados ao longo da década de 1940 se configuravam como espaço de circulação de ideias, não necessariamente espaço de opinião sobre livros e literatura. E embora este estudo não tenha tido como foco o estudo dos títulos analisados nos rodapés, eles podem, como apontou Bourdieu (1996), indicar o que pensava e lia uma parcela dos intelectuais de nossa sociedade.

Cabe dizer também que, para a seleção dos títulos, os críticos não buscavam atender apenas aos interesses de seus leitores. Gêneros de pouco sucesso tinham espaço nos rodapés. É o caso dos livros de crítica literária, que segundo Nelson Werneck Sodré (1940a) não gozavam de grande público, mas foi um gênero presente na maioria dos rodapés literários analisados. Entre os autores havia nomes de colaboradores na imprensa diária, em atividade naquele período, como Tristão de Athayde, Álvaro Lins e Sérgio Milliet. Alguns livros de crítica literária foram, primeiramente, divulgados nos rodapés e em outras seções de jornais e revistas para, depois, serem reunidos em livros. Ao publicá-los neste formato, dava-se, aos textos, a possibilidade de uma existência mais prolongada, sobretudo porque, como é sabido, o jornal tem vida breve, dura apenas um dia.

Metade das obras analisadas/avaliadas nos rodapés referiam-se a obras dos gêneros ficcionais como o romance, a poesia, o conto, a novela e o ensaio; em ordem decrescente, com grande predominância para o primeiro. Os demais temas estavam distribuídos da seguinte forma: 20% das obras eram dos gêneros biografia e história; 18% sobre Filosofia e crítica literária; e outros gêneros, com 12% (direito, filologia, educação, turismo, letras, literatura, sociologia, geografia, antropologia, pedagogia e língua).

Por tratar de seção assinada por vários nomes, em sistema de rodízio, os rodapés publicados n’*O Estado de S. Paulo*, durante o período de intervenção (1940-45), apresentavam leque mais amplo de gêneros literários, com análises de obras sobre literatura, farmácia, biologia, medicina, manuais técnicos.

A grande incidência de títulos de gêneros de ficção nos rodapés dos jornais *Folha da Manhã*, *O Estado de S. Paulo* e *Correio Paulistano* reflete uma tendência do mercado editorial no período. Isto porque,

Dentre todos os gêneros editados de 1938 a 1943, a literatura de ficção ocupa o primeiro posto em virtude dos elevados índices de venda que alcançam os chamados gêneros ‘menores’, isto é, os romances de coleções ‘menina-moça’, os policiais e os livros de aventuras, aos quais se podem acrescentar as biografias romanceadas, gênero que detém a sétima posição no ranking, e mais uma parcela de obras infantis” (MICELI, 2001, p. 154).

Faz-se necessário mencionar a importância da crítica literária para os escritores, sobretudo, para os estreantes. A escritora Rachel de Queiroz, em entrevista a Alzira de Abreu, explicou que ter um livro avaliado, em um rodapé, poderia significar o sucesso ou o fracasso de um autor.

Era a crítica de jornal que fazia o escritor, que me fez. Eu, quando menina, lá no Ceará, com 20 anos, escrevi um livro, mandei para cá. Por que foi que eu apareci? Porque o Augusto Frederico Schmidt, que era crítico das novidades literárias, e o Alceu Amoroso Lima, em *O Jornal*, me lançaram. Lá em São Paulo, o crítico do *Estadão*, o Artur Mota, fez a crítica do livro. Logo depois, recebi um telegrama da Editora Nacional me propondo fazer a 2ª edição. A crítica assim era importantíssima. É uma pena porque hoje você publica um livro e só tem resenhas curtas, não tem mais crítica. Nesse tempo não, você tinha uma crítica especializada, e que não era ‘mole’, não era compadresca, eles eram duros (ABREU, 1996, p. 37).

Deste modo, o jornal, através de suas seções de crítica literária, atuava como espaço legitimador dos impressos noticiados e analisados.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em 04 de fevereiro de 1943, ao estreitar uma série de três artigos sobre ficção, em seu rodapé na *Folha da Manhã*, Antonio Candido escreveu: “o critério objetivo, mais firme e mais imediato para se julgar uma obra de arte ou de literatura, eu direi que é o critério da sua necessidade”.

E este parece ser o critério utilizado pela maioria dos críticos que atuaram na imprensa paulistana nos anos de 1940. Que avaliavam quase que prioritariamente o livro novo, buscavam as grandes obras, faziam comparações, discutiam ideias, apontavam tendências e se mostravam atentos aos rumos do mercado editorial.

Ao editar rodapés de crítica literária, os jornais atuavam enquanto divulgadores do mercado editorial. E isto se dava de distintas formas: no julgamento aprofundado das obras, na publicação dos resumos dos lançamentos, nos diários de leitura dos críticos, nas breves linhas onde se editavam os títulos de obras que se recomendavam, ou dos livros recebidos. Os textos publicados, nos rodapés analisados, tinham diferentes funções de linguagem. Ora

tendiam à função discursiva – nas análises aprofundadas dos livros; ora à função documental, com a publicação de notas informativas.

As obras ficcionais tiveram grande destaque nos rodapés, mas também havia análises de títulos sobre teorias, ensaios, memórias e biografias, de diferentes áreas do conhecimento, além de outros escritos, como as revistas em circulação no período. Este comportamento demonstra o modo em que os críticos literários entendiam literatura. Como explicita Antonio Candido (1968, p.11), “na acepção lata, literatura é tudo o que parece fixado por meio de letras – obras científicas, reportagens, notícias, textos de propaganda, livros didáticos, receitas de cozinha etc.”.

Também merece destaque, a relação de cordialidade e de reconhecimento dos críticos literários dos jornais analisados com os colegas que assinavam rodapés literários na imprensa brasileira no período. Isto acontecia nos comentários sobre os trabalhos feitos por eles nas seções publicadas em periódicos e, também, nas análises de obras publicados pelos críticos/escritores.

E embora em quase metade da década de 1940, o país vivesse em um período de censura, em razão da ditadura Vargas, a dinâmica dos rodapés foi seguida com regularidade pelos jornais analisados. E isso se aplica também ao jornal *O Estado de São Paulo*, que sofreu intervenção deste governo, mostrando-se com perfil bem próximo dos jornais *Folha da Manhã* e *Correio Paulistano*, sem diferenças marcantes ao longo de toda a década.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABREU, Alzira. Os suplementos literários: os intelectuais e a imprensa nos anos 50. In: ABREU, Alzira; LATTMAN-WELTMAN, Fernando. **Imprensa em transição: o jornalismo brasileiro nos anos 50**. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 1996. p. 13-60.

ANDREUCCI, Álvaro Gonçalves Antunes; OLIVEIRA, Valéria Garcia de. **Cultura amordaçada: intelectuais e músicos sob a vigilância do DEOPS**. São Paulo: Imprensa Oficial, 2000.

ARRUDA, Maria Arminda do Nascimento. **Metrópole e cultura: São Paulo no meio do século XX**. Bauru, SP: EDUSC, 2001.

BOURDIEU, Pierre. A leitura: uma prática cultural - debate entre Pierre Bourdieu e Roger Chartier. In: CHARTIER, Roger. **Práticas de leitura**. São Paulo: Estação Liberdade, 1996.

CANDIDO, Antonio. Notas de crítica literária: Overture. **Folha da Manhã**. São Paulo, 07 jan. 1943a. p. 5.

\_\_\_\_\_. Notas de crítica literária: Não vale a intenção. **Folha da Manhã**. São Paulo, 25 jul. 1943b. p. 7.

\_\_\_\_\_. Literatura e Personagem. In: CANDIDO, Antonio; ROSENFELD, Anatol; PRADO, Décio de Almeida. **A personagem da ficção**. São Paulo: Perspectiva, 1968.

\_\_\_\_\_. A literatura brasileira em 1972. **Arte em Revista**, São Paulo, n. 1, jan./mar., 1979.

CORREIO PAULISTANO. O que o Correio Paulistano publicará em sua edição de amanhã. **Correio Paulistano**. São Paulo, capa, 24 out. 1936.

DONATO, Mario. Livros e Ideias. **O Estado de S. Paulo**. São Paulo, 08 jun. 1940. p. 3.

HALLEWELL, Laurence. **O livro no Brasil**: sua história. São Paulo: EDUSP, 2005.

LINS, Álvaro. Jornal de Crítica: Notas de um diário de crítica. **Folha da Manhã**. São Paulo, 25 maio 1947. p. 2.

\_\_\_\_\_. Jornal de Crítica: Um partido socialista. **Folha da Manhã**. São Paulo, 29 set. 1947. p. 2.

MASINA, Léa. Periodismo cultural no início do século. **Continente Sul Sur**, Revista do Instituto Estadual do Livro, Porto Alegre, n. 2, 1996, p. 227-235.

MICELI, Sergio. **Intelectuais à brasileira**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

NUNES, Mônica Rodrigues. O suplemento literário de O Estado de São Paulo e a cobertura do mercado editorial (1956-1966). In: ANDRADE, Antonio de; REIMÃO, Sandra (Org.). **Fusões**: cinema, televisão, livro e jornal. São Bernardo do Campo: Metodista, 2007. p. 135-154.

PAIXÃO, Fernando. **Momentos do livro no Brasil**. São Paulo: Ática, 1995.

PONTES, Heloísa. **Destinos mistos**: os críticos do grupo Clima em São Paulo (1940-1968). São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

ROSSI, Edmundo. Livros e Ideias. **O Estado de S. Paulo**. São Paulo, 15 jun. 1940. p. 3.

SILVEIRA, Alcântara. Crítica Literária. **Folha da Manhã**. São Paulo, 27 maio 1945. p. 5.

SODRÉ, Nelson Werneck. Livros Novos: Inventário. **Correio Paulistano**. São Paulo, 14 jan. 1940a. p. 8.

\_\_\_\_\_. Livros Novos: Diversos. **Correio Paulistano**. São Paulo, 16 ago. 1940b. p. 4.

\_\_\_\_\_. A crise da literatura. **Correio Paulistano**. São Paulo, 10 out. 1951. p. 8.

SÜSSEKING, Flora. **Papéis colados**. 2. ed. Rio de Janeiro: UFRJ, 2003.

**TINHORÃO, José Ramos. Os romances em folhetins no Brasil: 1830 à atualidade. São Paulo: Duas cidades, 1994.**